

ENCICLOPÉDIA



Luso-Brasileira de Cultura

Edição
Século XXI

I

Editorial Verbo
Lisboa | São Paulo



EDITORIAL VERBO
DEPARTAMENTO DE ENCICLOPÉDIAS E DICIONÁRIOS

DIRECTOR
JOÃO BIGOTTE CHORÃO
da Academia das Ciências de Lisboa

SECRETARIA-GERAL
ANTÓNIO LEITÃO

COORDENAÇÃO EDITORAL
JORGE COLAÇO
GEORGE VICENTE

*TRATAMENTO INFORMÁTICO
E BASE DE DADOS*
SANDRA MONTEIRO

COORDENAÇÃO GRÁFICA
DIANA METELLO
FILIPA REGO

PESQUISA ICONOGRÁFICA
DIAMANTINA DE BRITO SALVADOR
MARIA DE FÁTIMA SARAIVA

FONTES ICONOGRÁFICAS
ARQUIVO VERBO • EUROPEDIA
PULSAR IMAGENS • AGÊNCIA DIAS DA SILVA
BONNIER'S LEXICON • AGÊNCIA LUSA

REVISÃO
MARIA MANUELA VIEIRA CONSTANTINO
CARLOS MANUEL LOPES PEDROSA

CAPA E GUARDAS
JOSÉ BRANDÃO

PAGINAÇÃO E PRÉ-IMPRESSÃO
MARIA ESTHER - GABINETE DE ARTES GRÁFICAS, LDA.

IMPRESSÃO E ACABAMENTO
TILGRÁFICA - BRAGA
JANEIRO DE 1998

© EDITORIAL VERBO
LISBOA / SÃO PAULO

NÚMERO DE EDIÇÃO: 2433
DEPÓSITO LEGAL n.º 115 321/97
ISBN 972-22-1850-6 (OBRA COMPLETA)
ISBN 972-22-1851-4 (VOLUME I)

t

Numa obra recente dá-se aos Azas uma ascendência que altera a de Argote de Molina, mas é evidentemente falsa, porque supõe o casamento da infanta Elvira, filha de Fernando, o Magno, que morreu solteira. No séc. xvii, veio para Portugal um mordomo da duquesa de Mântua, de quem provavelmente descendem os A. portugueses. As armas desta família não estão na Torre do Tombo e aparecem com alguma variação: 1.º — Em campo de ouro, uma cruz vermelha florenciada aberta do campo, cantonada de quatro caldeiras de negro, faixadas de três faixas de ouro; orla de prata carregada de vinte aspas vermelhas; outras descrições não dão a cruz aberta, o que a aproxima da cruz de Calatrava, de que foi mestre D. Rodrigo Garcês de A. (c. 1212), e reduzem as aspas a dez. 2.º — Em campo de ouro, uma cruz vermelha e florenciada, vazia de campo; orla de prata perfilada de negro, carregada de dez aspas vermelhas, e, sobre esta, outra orla de ouro carregada de dez caldeiras de negro; parece que estas armas são as usadas pelos A. portugueses. Em Espanha também as armas desta família aparecem com organizações diferentes, assim como o apelido é, por vezes, escrito Daza. A *Heráldica* prova, todavia, que todos os brasões têm uma origem comum.

GAB. EST. HERÁLDICOS

BIBL.: A. L.; A. P. B.; A. P. S. F.; B. P.; C. L.; Cr. D. Fernando; E. L.; H. G. C. R.; M. L.; Menéndez Pidal, *España del Cid*; N. A.; N. E.; N. P.; T. N. P.

Acab — Sétimo rei de Israel (871-852), segundo rei da IV Dinastia, dita de Omri (882-845), filho e sucessor de Omri (882-871). Reis seus contemporâneos em Judá: Asa (908-868) e Josafat (868-847).

Se Omri, a quem se deve a fundação da cidade de Samaria e a sua elevação a capital (antes dividida pelas cidades de Siquém, Penuel e Tírsa), pode ser considerado como o verdadeiro fundador do reino de Israel, de tal modo que, nos *Anais* assírios, o reino de Israel aparece muitas vezes denominado simplesmente como *bit humria* (= «Casa de Omri»), mesmo depois da derrocada desta dinastia, coube a Acab (*ab'ab* = «irmão do pai», i. é, semelhante a ele) consumir e consolidar a obra de seu pai, alcançando o reino de Israel, durante o seu reinado, o seu máximo esplendor político e económico.

A. ampliou e embelezou de maneira notável o palácio real de Samaria. Os muitos objectos de marfim usados nestes trabalhos de melhoramento — confirmados, de resto, pela arqueologia —, valeram-lhe o nome de «Casa de Marfim» (1 Re 22,39). Mas A. possuía ainda um palácio de Inverno de Jezrael (1 Re 21,1), hoje *ze'rin*, aldeia árabe actualmente abandonada, a sudeste da planície de Esdrelon. Fortificou também muitas cidades (1 Re 22,39), e reconstruiu Jericó (1 Re 16,34).

Em matéria de política externa, A. mostrou-se clarividente na prossecução da política delineada por seu pai. Conseguiu manter a submissão de Moab (2 Re 1,1; cf. estela de Mesha, linha 8). Consolidou a aliança com os Fenícios através do seu casamento com Jezabel, filha de Etbaad, rei de Tiro (com Flávio Josefo, e não «rei de sidónios» como refere 1 Re 16,31).

O jovem reino de Israel tinha muito a ganhar, em termos político-económicos, com esta aliança com os Fenícios, a qual implicava, porém, sérias contrapartidas no âmbito religioso. Podemos mesmo adiantar que, juntamente com a imediata, mas efêmera prosperidade, foi o próprio fim do reino de Israel que ficou selado naquela aliança. A. conseguiu ainda pôr fim às disputas com o reino irmão de Judá, que vinham desde a morte de Salomão, e também aqui o novo clima amigável foi selado com um casamento: foi Jorão, filho de Josafat, que desposou Atalia, filha de A. (2 Re 8,18,26). Também na frente com os arameus de Damasco, A. começou por somar alguns sucessos: derrotou e fez prisioneiro o Ben-Adad II (870-842), de Damasco, a quem restituiu depois a liberdade mediante um tratado (*berit*) a troco de vantagens políticas e comerciais (1 Re 20, 1-34). Mas o verdadeiro motivo do referido acordo pode muito bem ter sido a necessidade de A. e Ben-Adad II juntarem forças para fazer frente à Assíria, então em fase de grande expansão para ocidente. De facto, os *Anais* de Salmanasar III (858-824) informam — a Bíblia não o refere — que «Acab o isrealita» lutou ao lado dos arameus de Damasco contra as tropas Assírias de Salmanasar III na inconclusiva Batalha de Carcar, actual *birbet qerqur*, no curso médio do Orontes, no ano de 853. De facto, uma vez conjurado — ainda que só momentaneamente (restringindo-nos a Salmanasar III, temos notícia de novas campanhas Assírias para ocidente nos anos 849, 848, 845, 841 e 837) — o perigo Assírio, A. e Ben-Adad II voltam a defrontar-se na Batalha de Ramot de Galaad (1 Re 22,1-38), actual *tell ramit*, a oriente do lago de Tiberíades. Foi a última batalha de A. Tendo sido ferido por uma flecha, morreu em consequência dos ferimentos (1 Re 22,34-38). Foi sepultado em Samaria, e os cães lambeiram o sangue que escorria do seu carro (1 Re 22,37-38), conforme predição de Elias (1 Re 21,19).

Foi, sem dúvida, devido à sua política acertada de alianças, nomeadamente com os Fenícios, que A. pode relançar o reino de Israel para a ribalta internacional de então. Contudo, na sua força escondia-se também a sua fraqueza. Com a condescendência de A., a sua esposa Jezabel introduziu em Israel o culto de Baal, ao qual foi mesmo construído um templo em Samara (1 Re 16,32), a que estavam adscritos 450 profetas que viviam a expensas de Jezabel (1 Re 18,19). Surgiram naturalmente os conflitos, por vezes violentos, entre o culto de Baal e os seus profetas, com Jezabel à cabeça, e o culto de Yahveh e os seus profetas, com Elias à cabeça (1 Re 18-19;21). Jezabel, protegida pelo poder, começa por ganhar vantagem. Mas a vitória final será de Elias, que degolou os 450 profetas de Baal (1 Re 18,20-40). O templo de Baal foi, mais tarde, destruído por Jéu (2 Re 10,18-27), que também dá a morte a Jezabel, fazendo-a defenestrar do palácio de Jezrael, sendo logo calcada pelos cavalos e devorada pelos cães (2 Re, 9,30-37), como predissera Elias (1 Re 21,23).

Pela sua permissividade em matéria religiosa, A. é duramente estigmatizado nos *Lituros dos Reis*. Acusado de ter-se «vendido» (1 Re 21,20,25), A. é apresentado como paradigma de imple-

dade (1 Re 16,30-33; 21,26; 1 Re 8,18-19.26-27; cf. *Mcb* 6,16), sendo, por via disso, toda a sua casa votada ao extermínio (1 Re 21,21.24; 2 Re 9,7-10; 10,10-11,30), o que constitui também castigo paradigmático (2 Re 21,13).

É, no entanto, possível que A. não fosse tão ímpio quanto os textos bíblicos fazem crer. Se, instigado por Jezabel, favoreceu o culto de Baal, parece não ter abandonado por completo Yahveh. Pelo menos a avaliar pelos nomes dos seus filhos, todos teódores em Yahveh: Italia, Acazia e Jorão.

ANTÓNIO JOSÉ DA ROCHA COUTO

BIBL.: «A Further Note on the Date of the Battle of Qarq and Neo-Assyrian Chronology», in *Journal of Cuneiform Studies*, 30, 1978, pp. 173-175; H. Haag, *El país de la Biblia. Geografía. Historia. Arqueología*, Barcelona, 1992, pp. 114-118; S. Hermann, *Historia de Israel en la época del antiguo testamento*, Salamanca, 1979, pp. 267-283; J. M. Miller, «The Fall of the House of Acab», in *Vetus Testamentum*, 17, 1967, pp. 307-324; M. Noth, *Storia d'Israele*, Bréscia, 1975, pp. 277-307; J. A. Soggia, *Storia d'Israele. Dalle origini a Bar Kochbá*, Bréscia, 1984, pp. 310-318.

Acacale ou Acacális — MIT. Ninfa amada de Apolo, de quem teve um filho, Filandro, e um filho ou filha, Filácis. De ama lhes serviu uma cabra, cuja imagem se encontrava no Templo de Delfos. Existe ainda a versão de a ninfa ser filha de Minos e de Latona e mãe de Cídon, fundador de Cidónia, em Creta. Os filhos aparecem também com os nomes Anfiteusis e Mileto, este, alimentado por lobos, fundador da cidade com o seu nome. Alguns dão-na como mulher de Minos e mãe de Oaxos, fundador de Oaxes, em Creta.

A. DIAS

acácia — BOT. Género (*Acacia* Willd.) da família das Leguminosas, subfamília das Mimosoideas, de árvores e arbustos inermes ou com as estípulas espinescentes, folhas sempre bipinuladas no estado juvenil, mas no estado adulto mantendo-se assim (tipo mimosa) ou reduzidas a filódios, flores em capítulos subglobosos ou em espigas, e filetes livres. Compreende cerca de 1200 espécies nas regiões tropicais e subtropicais, muitas das quais têm grande valor económico como produtoras de madeira, gomas, cascas taninosas, vagens comestíveis, etc.

A.-da-austrália: nome dado à *A. melanoxylon* R. Br., árvore de belo fuste, do Sul da Austrália, de filódios um tanto falciformes e com duas a quatro nervuras longitudinais, vagem contorcida, perfeitamente adaptada em Sintra e no Minho, dando uma madeira escura com diversas aplicações.

A.-bastarda: $\bar{\Gamma}$ Robínia.

A.-dealhada: nome vulgar da *A. dealbata* Link, árvore do Sul da Austrália e da Tasmânia, de folhas glaucas bipinuladas com dez a vinte pares de pínulas e vagens achatadas, largas, vulgarmente cultivada em Portugal, onde é também muitas vezes, se bem que erroneamente, denominada *mimosa*.

A.-do-japão: $\bar{\Gamma}$ Sófora.

A.-rubra: nome porque é conhecida a *Delonix regia* (L.) Raf., árvore da família das Leguminosas, subfamília das Cesalpinióideas, originária de Madagáscar mas largamente cultivada na

África Tropical como árvore de arruamento com vistosas flores escarlates e folhas compostas com até cerca de 1000 folíolos.

A.-do-senegal: nome de uma árvore — *A. senegal* (L.) Willd. — das regiões mais áridas do Sudão e do Sul do Sara até à Índia Oriental, de estípulas espinescentes recurvadas, folhas bipinuladas com dez a quinze pares de pínulas e vagem recta, achatada e delgada, de cujo tronco, por incisões, escorre uma goma conhecida no comércio pelo nome de «goma-arábica».

J. FRANCO

Acácio de Bereia — Nasceu c. 322 e morreu com 110? anos. Muito jovem, abraçou a vida monástica. Foi sagrado bispo de Bereia, na Síria (378). Pouco depois, levou ao papa Dâmaso as actas do Concílio de Antioquia, por incumbência de Melécio. Assistiu ao Concílio de Constantinopla (381). Por ter cooperado na sagração ilegítima de Flaviano foi excomungado pelo papa Dâmaso. Intrigou contra S. João Crisóstomo em diversos sínodos e pediu a sua deposição. Mas por intimação de Inocêncio I foi obrigado a retractar-se e a inscrever nos dípticos o nome de Crisóstomo. Da sua volumosa correspondência restam algumas cartas e a breve *Confessio fidei* (P. G., 77, 1445 e ss.).

J. VAZ DE CARVALHO

Acácio de Cesareia — Sucessor (340) do historiador Eusébio, na Sé de Cesareia, da Palestina, de quem herdou a célebre biblioteca de Orígenes. Morreu em 366. Escreveu comentários sobre o *Eclesiastes*, questões diversas e outros tratados (S. Jerónimo, *De Vir. Illustr.*, 98; Sócrates, *Hist. eccles.*, II, 4), mas da sua vasta produção apenas restam fragmentos. É sobretudo conhecido como um dos chefes do arianismo moderado, denominando-se *acacianos* os seus partidários. No Concílio de Constantinopla (360) conseguiu que se adoptasse esta fórmula de fé: «O Filho de Deus, é semelhante (*omoios*) ao Pai, não quanto à substância, mas só quanto à vontade.» Por isso chamaram-se *homeanos* os que perfilharam este termo, convencidos de que era mais conforme com a Escritura. A. C. gozou de grande crédito junto do imperador Constâncio. Por comprazer ao imperador Joviniano inclinou-se para a ortodoxia de Niceia, mas no início do império de Valente passou de novo ao $\bar{\Gamma}$ arianismo. Os acacianos, em 365, aparecem já confundidos com os arianos puros ou *anomeus*.

J. VAZ DE CARVALHO

Acácio de Constantinopla — Patriarca (471-489). Quando o intruso Basílio publicou a *Encíclica*, édito favorável ao $\bar{\Gamma}$ monofisismo, A. C. decidiu-se a rejeitá-la (476), se bem que tivesse hesitado a princípio. O papa Simplicio, então, nomeou-o seu legado. Por iniciativa de A. C., o imperador Zenão promulgou (482) o *Henóticon*, ou decreto de união, que devia pacificar na unidade religiosa todos os súbditos do império: professava a fé de Niceia e Constantinopla, mas abandonava a de Calcedónia, fórmula de compromisso que não trouxe a paz, antes agravou mais a



Acácia



Acácia-dealbada